

Marcelino Agís Villaverde, *Historia de la Hermenéutica. Devenir y Actualidad de la Filosofía de la Interpretación* (Madrid/Porto, editorial Sínderesis, 2020). 572 pp. ISBN: 978-84-18206-48-1.

Marcelino Agís Villaverde, reputado investigador com vasta e conhecida produção filosófica, oferece-nos nesta obra extensa uma análise das relações entre “História da Filosofia” e “Hermenêutica Filosófica”. A obra interessará certamente a leitores especializados, mas será também relevante para todos quantos procuram acercar-se do horizonte dos estudos filosóficos pela via dos estudos hermenêuticos.

É interessante notar que o autor enceta tal análise exigente e complexa sob o signo do conceito de verdade (p. 11). Entende-o como figura da máxima aspiração de uma filosofia do sentido. Ao esboçar assim a linha de rumo da investigação, não ignora, neste ponto acolhendo os ensinamentos do seu mestre, Paul Ricœur, que nela sempre se enfrentarão as dificuldades de uma aparente aporia: “por um lado as filosofias desfilam, contradizem-se, destroem-se e fazem aparecer a verdade cambiante; a história da filosofia é então uma lição de ceticismo; por outro lado, aspiramos a uma verdade que tenha como signo, se não como critério, o acordo entre os espíritos; se toda a história desenrola um mínimo de ceticismo, toda a pretensão de verdade desenrola um mínimo de dogmatismo; em definitivo, a história não seria mais que história dos erros e a verdade seria tão só suspensão da história” (p. 11). Como proceder, então, ao acercar-nos de tal nó problemático que cruza “história” e “filosofia”? As vias possíveis são, seguramente, múltiplas: poderia seguir-se uma abordagem de cunho sistemático e preconcebido, que veria no passado da história da filosofia um conjunto de capítulos heterodoxos configurando o mesmo plano ou marcha de sentido; ou poderia atentar-se nas minúcias do historiador que realiza uma história erudita de restituição das fontes, base sobre a qual se “restituiria” a cada “filosofia” o seu perfil depurado. Nenhum destes caminhos interessa realmente ao autor da obra em apreço. Haveria que procurar uma terceira via de análise, um caminho médio que se encontraria para lá de todas as alternativas mutuamente excludentes. O “segredo” de tal caminho poderia, porventura, encontrar-se no caráter narrativo da história da filosofia. Reclamar-se-ia, nesta via - e sobre o pano de fundo do círculo hermenêutico da explicação e compreensão - o primado da “leitura”, que se cumpre na *refiguração* de quem, em cada situação histórica, procura compreender-se melhor, ou compreender-se de outro modo, ou começar a compreender-se. Deste modo, o “paradoxo perene da história da filosofia” deveria ser assumido sem reservas, por dizer, de algum modo, a condição antropológica do *leitor*: por um lado, quem lê não pode ignorar a singularidade de cada obra filosófica e respetivas propostas de sentido; por outro lado, cada obra filosófica é texto e, nessa medida, permanece um nó de ligação à universalidade do sentido e à intersubjetividade dos significados, assim oferecendo ao leitor situado possibilidades de “aplicação” pelas quais o passado se reatualizaria (entre originalidade e novidade) no presente.

Seguindo este mapa hermenêutico, onde se assinalam múltiplos itinerários e cruzamentos, a obra que agora se apresenta organiza-se ao longo de dez capítulos, aos quais acresce uma introdução (cujas leituras atentas aconselha vivamente, por permitir descortinar as opções centrais seguidas na composição do livro), uma conclusão breve e uma abundante lista de referências bibliográficas. Poderíamos dizer que os referidos dez capítulos se reúnem, de certo modo, em dois grandes momentos ou blocos temáticos. Talvez os pudéssemos nomear do seguinte modo: o bloco da história glo-

bal da filosofia hermenêutica (dos seus núcleos definidores às suas fronteiras porosas e ricas de diálogos fundadores); o bloco da história “local” da filosofia hermenêutica.

Incluiríamos no primeiro “bloco” os sete primeiros capítulos do livro. Basta elencá-los para reconhecer imediatamente a importância e riqueza do que propõem. O primeiro capítulo é dedicado à “Hermenêutica na Filosofia Grega” (pp. 17-42), englobando estudos sobre o surgimento e orientação do que o autor nomeia como “hermenêutica grega”, “hermenêutica alexandrina” e “hermenêutica judaica na época helenística”. O segundo capítulo tem por título “A Hermenêutica Medieval” (pp. 43-114) e aqui encontrará o leitor interessado estudos sobre o período da Patrística, da Escolástica e dos horizontes culturais muçulmano e hebraico. Segue-se o apartado dedicado à “Hermenêutica Moderna, Romantismo e Idealismo” (pp. 115-160) que guarda um mosaico estimulante de referências: Lutero, Espinosa, Danhauer, Chladenius, Meyer, Hamann, Herder, von Humboldt, Schlegel, Hegel. O quarto capítulo (pp. 161-200) é dedicado à “Hermenêutica Geral e Hermenêuticas Regionais”, com incursões pelo pensamento de Schleiermacher, Droysen, Ranke, Dilthey, sem esquecer os capítulos “exegético”, “jurídico” e “literário” da hermenêutica pré-filosófica. Segue-se um capítulo dedicado aos “Primeiros passos da Hermenêutica Contemporânea” (pp. 201-222), no qual se estudam os horizontes da “hermenêutica da suspeita”, da “hermenêutica das formas simbólicas”, do debate entre Hermenêutica e fenomenologia e da “teoria geral da interpretação”. O capítulo sexto, sem dúvida central na economia da obra, trata das correntes maiores da hermenêutica filosófica contemporânea: Heidegger, Gadamer, Ricoeur. Neste capítulo, o autor inclui ainda uma incursão inesperada pelo pensamento de Luigi Pareyson e pela consideração da presença no pensamento italiano contemporâneo de receções assinaláveis do pensamento hermenêutico. É um momento original que prepara o que consideráramos o “segundo grande bloco” temático do livro. O “primeiro bloco”, no entanto, não se encerra sem incluir um capítulo, relevante, no qual a análise dos eixos e autores centrais da hermenêutica filosófica se confrontam com “outras Hermeneias” (pp. 289-340): as de Foucault, Derrida, Habermas, Appel, Vattimo e Beuchot.

Estes momentos da obra, bem como aqueles que se lhe seguem e a que aludiremos de seguida, são porventura aqueles em que mais se marca o caráter *compendial* do livro; neste caso, tal trabalho merece elogio, por apresentar, pela primeira vez e de modo claro, um mosaico de ramificações do pensamento hermenêutico que se estendem por várias línguas e contextos intelectuais.

Assim se orientam os capítulos finais da obra, dedicados, respetivamente, à “hermenêutica em Espanha” (pp. 341-426), à “hermenêutica em Portugal” (427-474) e à “hermenêutica latino-americana” (475-533), que nomeamos como o bloco da “história local”.

Nas derradeiras linhas da conclusão, o autor confessa o seguinte: “temo ter escrito uma história alternativa da filosofia”. Quantos, reconhece, não olhariam condescendentemente para tal empresa. E, no entanto, parece-nos poder afirmar que a história da hermenêutica fica mais clara depois de lida esta obra extensa e desafiante.

*Luís António Umbelino*

Universidade de Coimbra – DFCI

Unidade I&D CECH

ORCID: 0000-0002-5242-4863

DOI: DOI: [https://doi.org/10.14195/0872-0851\\_61\\_9](https://doi.org/10.14195/0872-0851_61_9)